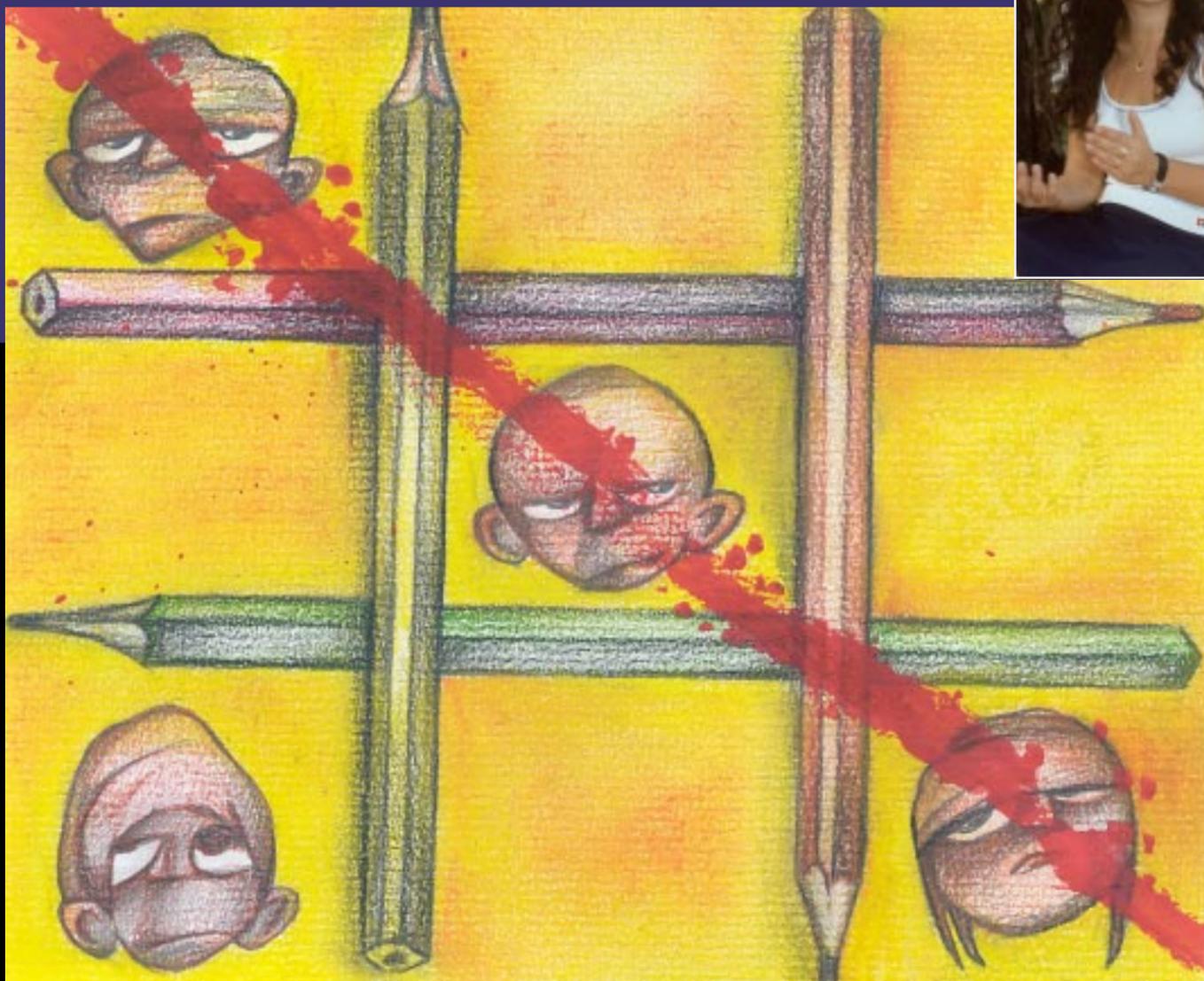


Morreu Maria

Foto: Antoninho Perri – Ilustração: Félix



A pesquisadora Sheila dos Santos (ao lado) mostra como estudantes que convivem com a violência criam linguagem particular para se protegerem



LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Na sala de aula, a aluna conta para a professora que o lobisomem “forte, grande e peludo” queria pegar a mulher e a menina. Do meio da sala, um menino busca o olhar da colega e põe a palma da mão direita no peito, deslocando um pouco o corpo para trás; com o polegar da mesma mão, aponta para trás do ombro. É um sinal: “morreu Maria”. Ou traduzindo melhor: “acabou o assunto”. Neste episódio, o menino tenta proteger a menina, pensando que ela está denunciando à professora três colegas que cobram um “pedágio” – balas, figurinhas, chicletes e mesmo dinheiro – para permitir que as crianças entrem ou saiam da sala. Um desses colegas tem um apelido que lembra o lobisomem, personagem criado pelo imaginário social. Na verdade, a garota estava narrando a violência de que é vítima no meio familiar.

Durante três anos (de 1996 a 1998), no canto da sala, estava a pesquisadora Sheila Daniela Medeiros dos Santos, observando o comportamento das crianças de uma escola do ensino fundamental na periferia de Campinas. A escola fica entre duas favelas e, desnecessário dizer, sob clima de cotidiana violência. A proposta inicial da dissertação de mestrado de Sheila, pela Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, seguiria preceitos pedagógicos clássicos para avaliar a não-participação de alunos nas atividades escolares: falta de motivação, bloqueios psicológicos, problemas neurológicos, pressão de um universo cultural estranho sobre quem vivencia a miséria.

Mas, “num dia de outono, no mesmo instante em que o sinal de saída tocou estridente”, como ela recorda, o enfoque do seu trabalho mudou. Ao ver, através da janela da classe, algumas crianças caminhando cabisbaixas em direção ao portão, enquanto outras saíam alvoroçadas ciscando pela direita e esquerda, a cena corriqueira lhe pareceu inédita. Olhando nos olhos das crianças cabisbaixas, ela mudaria seu próprio olhar de pedagoga, para perceber os traços e os contornos acústicos de uma realidade dramática revelada por meio de uma linguagem – oral, escrita, gestual – que nós, deste lado do mundo, ignoramos. A dissertação de Sheila virou livro: “Sinais dos Tempos – Marcas da violência na escola”, que foi lançado em 25 de junho pela Editora Autores Associados, com apoio da Fapesp.

“Quando me lancei na aventura de observar e vivenciar o cotidiano de uma escola pública, pude perceber que a maioria das crianças das salas de aula não se envolvia com

as atividades escolares. Algumas ficavam desenhando ou enviando bilhetinhos para os colegas, outras cantavam em voz alta e outras silenciavam por longo tempo”, lembra a pedagoga. Em contrapartida, as mesmas crianças que silenciavam, em determinados momentos envolviam-se com a leitura e a escrita, participando da aula, fazendo comentários e levantando questões. “Mas esse envolvimento sempre se dava fora do contexto em que as atividades estavam sendo propostas pela professora e sempre se relacionavam aos assuntos mais estranhos e ininteligíveis”.

Aventura – De professores e da administração da escola, Sheila ouviria as explicações pedagógicas clássicas: imaturidade biológica/cognitiva, problemas emocionais/neurológicos, processo de escolarização excludente, falta de motivação. Dos pais, atitudes punitivas – surras – ou de premiação – promessas de piscina e presentes – para que as crianças cumprissem seus deveres. Mas foi na declaração de uma das mães que nenhuma providência tomaram, que a pesquisadora encontrou o foco para sua pesquisa: “Não é burrice nem preguiça, o problema dela é ver gente morrendo”, disse a mãe de Edi.

Mergulhando no bairro em que viviam os alunos, Daniela descobriria um dia-a-dia de atropelamentos, crimes, bares com bebidas alcoólicas e sinucas, vídeolocadoras onde só se alugam filmes de violência, vizinhos que desconfiam de vizinhos, gangues em conflito que recrutam os próprios estudantes e depredam e roubam a própria escola. A pedagoga ainda precisou de muita precaução e persistência para que essas crianças abrissem seus corações e traduzissem seus códigos, propiciando depoimentos, cartas e outras manifestações que se revelaram como um pedido de socorro e ajudaram a completar as mais de 200 páginas do livro que leva a uma revisão da metodologia dos estudos sobre violência até agora praticados.

Prudência – Sheila Daniela desenvolve atualmente sua tese de doutoramento em ciências sociais, mas decidiu mudar a linha de sua pesquisa. Optou pela prudência, ao menos momentaneamente, em respeito a novos sinais enviados pelas crianças. Quando do início das entrevistas para a dissertação de mestrado, ela recebeu o desenho de um coração com a palavra “entre” – um convite de Rô para que penetrasse em sua vida. No final dos trabalhos, recebeu outro coração, mas desta vez com uma faca encravada, sangrando – era Ive prevenindo a pesquisadora de que ela fora incluída na lista das gangues.

FRASES

“Para compreender a vida, basta ficar em silêncio e ouvir a voz do coração. Há sempre uma boa lição!” (Rô)

“Há muitas coisas que estão presas na garganta e que não podem ser ditas”. (Alê)

“Mesmo que a boca estiver calada, resta o peito para sentir e fora a boca e o peito resta a cabeça para pensar”. (Eli)

“Eu vim pra escola pra aprender a lê e a escrevê. Sabe por que, tia? Porque as gangue que mata os moleque tem uma lista dos nome que eles vão matá e se um dia eu vê a lista, eu vô podê avisa os conhecido pá fugi”. (Edi)

NOVOS CÓDIGOS

Gesto de Net para Bia: coloca a palma da mão direita no peito, deslocando ao mesmo tempo o corpo para trás; com o polegar da mão direita, faz um movimento para trás do ombro direito. **Tradução:** “Morreu Maria”, que significa que o assunto acabou. Net pede a Bia que pare de falar com a professora, pensando que ela está denunciando três colegas que cobram “pedágio”.



Gesto de Fab para Pat: ele fecha a mão esquerda e envolve-a com a direita aberta; movimentando o braço direito “desenhando” no ar uma espécie de montanha. **Tradução:** “Segura a onda”, que significa resolver a situação de um amigo da turma visado por uma gangue. Neste episódio, Fab solicita a ajuda de Pat para resolver uma briga (de brincadeira).



Gesto de Edi para Gab: esfrega uma mão na outra (as duas fechadas); faz movimento de pinça, abrindo e fechando os dedos (polegar e indicador) várias vezes. **Tradução:** “Lavar na biqueira”, que significa vai embora, sai andando. Edi estava enganada, mas avisou Gab que o nome dele estava na lista de uma gangue; Gab saiu correndo da sala e nunca mais voltou à escola.

